

# O que importa em uma amizade? A percepção de universitários sobre amizades<sup>1 2</sup>

Mônica Grace Duarte<sup>3</sup>  
Luciana Karine de Souza<sup>4</sup>

*Universidade Federal de Minas Gerais*

## **Resumo**

Este estudo apresenta dados inéditos que complementam a validade de construto dos Questionários McGill de Amizade (QMA's). A finalidade destes questionários é avaliar a qualidade dos relacionamentos de amizade mediante nove dimensões abordadas por escalas. Foram investigadas dimensões complementares às abordadas nestes instrumentos. O objetivo deste trabalho foi analisar as respostas a uma questão aberta e complementar às escalas validadas. A análise de conteúdo realizada nas respostas proporcionou um panorama da concepção de amizade, apontando aspectos positivos e negativos deste relacionamento, bem como semelhanças com a cultura canadense, de onde se originam os QMA's. Os resultados apontam para temas a serem explorados em pesquisas futuras, além da necessidade de mais estudos acerca dos relacionamentos de amizade em outros estados do Brasil, a fim de se identificar semelhanças e diferenças dentro do país.

**Palavras-chave:** amizade; relacionamento; desenvolvimento.

What matters in a friendship? College students' perceptions on friendships

## **Abstract**

This paper presents data that complement the construct validation of the McGill Friendship Questionnaires into Brazilian Portuguese. The aim of the questionnaires is to evaluate friendship quality through nine dimensions tapped by scales. The present paper analyzed the complementary dimensions to the McGill Questionnaires' through an open-ended question that followed the scales. Content analysis provided an overview of the friendship concept, highlighting positive and negative aspects of the relationship, as well as similarities with the Canadian culture, where the original scales are from. Results indicate themes to be explored in future research and the need of more studies on friendship relationships in other states inside Brazil, in order to identify similarities and differences within the country.

**Keywords:** friendship; relationship; development.

---

<sup>1</sup> *Endereço para correspondência:* UFMG – FAFICH – Depto. de Psicologia, Av. Antônio Carlos, 6627, sala F-4050, CEP: 31.270-901, Campus Pampulha, Belo Horizonte, Minas Gerais. *E-mail:* luciana.karine@ufrgs.br.

<sup>2</sup> *Nota:* O presente trabalho é parte inédita da coleta de dados da tese de doutorado da segunda autora. Dados preliminares foram apresentados na Semana do Conhecimento da UFMG em 2007 pela primeira autora (voluntária de iniciação científica) sob orientação da segunda. Agradecimentos a Claudia Damasceno Pimentel. Apoio: Departamento de Psicologia/PRPq-UFMG.

<sup>3</sup> Graduanda em Psicologia.

<sup>4</sup> Doutora em Psicologia (UFRGS), Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Minas Gerais.

Lo que importa en una amistad? La percepción de los estudiantes universitarios acerca de la amistad

### Resumen

Este estudio presenta datos inéditos que complementan la validez del constructo de los Cuestionarios McGill de Amistad. La finalidad de esos cuestionarios es evaluar la calidad de las relaciones de amistad mediante nueve dimensiones abordadas por escalas. Fueron investigadas dimensiones complementarias a las abordadas en esos instrumentos. El objetivo de ese trabajo fue analizar las respuestas a una cuestión abierta y complementaria a las escalas validadas. El análisis del contenido realizado en las respuestas proporcionó un panorama de la concepción de amistad, señalando aspectos positivos y negativos de esa relación, así como similitudes con la cultura canadiense, de donde se originan los Cuestionarios McGill. Los resultados señalan para temas a ser más estudiados en investigaciones futuras, además de la necesidad de más estudios acerca de las relaciones de amistad en otros estados de Brasil, con el fin de que se identificaran similitudes y diferencias adentro del país.

**Palabras-clave:** amistad; relacionamiento; desarrollo.

Desde a Antigüidade as relações humanas despertam interesse em pensadores (Baldini, 2000) e em cientistas sociais que ao longo de décadas vêm registrando os ganhos provenientes dos relacionamentos sociais (Fehr, 1996), dentre os quais a amizade. Esta se mostra como um relacionamento significativo e que constitui uma importante fonte de felicidade e satisfação de vida para as pessoas através de recompensas instrumentais (ajuda, trocas), apoio emocional e companheirismo, além de prevenir a solidão (Argyle, 2001). Dessa forma, a amizade, enquanto relacionamento próximo, assim como aqueles com parceiros românticos e com familiares, além de diminuir a solidão, propicia saúde (Argyle, 2001; Berscheid & Regan, 2005).

Contudo, a literatura demonstra não haver consenso acerca da definição deste relacionamento. Fehr (1996) observa que definições de amizade podem variar de acordo com critérios como idade, sexo, estado civil, religião, status profissional, escolaridade, etnia e raça. Para a autora, as amizades se devem à inter-relação de fatores ambientais, situacionais, individuais e diádicos. Fehr define amizade como um relacionamento pessoal e voluntário entre duas pessoas que se gostam e procuram a companhia uma da outra, proporcionando ajuda e intimidade. Essa reciprocidade ajuda no desenvolvimento da confiança entre os amigos.

Valores defendidos pela sociedade influenciam na visão sobre as relações entre amigos; sociedades mais tradicionais possuem visões mais adversas da amizade (Bell, 1981). Para Bell (1981) aspectos fundamentais para definir amizade são a ausência

de laços familiares entre amigos, a equivalência de nível socioeconômico e dedicação mútua entre estes, além de aspectos negativos como desaprovação e questionamentos regulares. As amizades facilitam a tolerância a medos e ansiedades, ajudam a suportar situações estressantes e proporcionam senso de identificação e exclusividade.

No contexto dos relacionamentos familiares significativos para o adulto jovem, Carbery e Buhrmester (1998) investigaram amizades próximas, separando-as nas fases celibatária (solteiro e não comprometido seriamente com um parceiro romântico), marital (parceiro romântico sem filhos) e parental (parceiro romântico com filhos pequenos). Afirmaram que a amizade tem sua fase de maior significância funcional, na rede de relacionamentos, no início da adultez jovem (fase celibatária), com os amigos constituindo fontes primárias de apoio social, companheirismo e confiança.

Em um estudo com 207 universitários, Parks e Floyd (1996) investigaram o significado de proximidade com um amigo resultando em treze categorias que apontam como características de boas amizades: auto-revelação, confiança, ajuda, afetividade, respeito, aceitação, contato físico não-sexual, frequência de interação, duração do relacionamento, além de interesses e atividades compartilhadas pelos amigos. Os autores observaram que, nas amizades femininas e masculinas de homens e de mulheres, as características de auto-revelação, trocas afetivas, ajuda instrumental e aconselhamento, interesses e atividades compartilhados, confiança, frequência de interação, duração do relacionamento, aceitação, respeito e contato físico não-sexual são fundamentais no estudo deste relacionamento.

A partir da análise de oito questionários frequentemente utilizados na avaliação de relacionamentos de amizade, Mendelson e Aboud (1999, 2003) identificaram seis funções da amizade: Ajuda, aliança confiável, autovalidação, companheirismo estimulante, intimidade e segurança emocional. Os autores abordam a qualidade das amizades considerando, além de aspectos positivos (sentimentos positivos e satisfação com a amizade), os aspectos negativos das amizades (desapego, conflito, submissão, ciúmes e preocupação).

Cole e Bradac (1996) também salientam aspectos negativos da amizade enquanto relacionamento, como o abuso e a violência. Eles acrescentam a acessibilidade, os interesses em comum e a interdependência como aspectos característicos da relação entre amigos. Nessa direção, é importante assinalar que a amizade se desenvolve e se mantém também pela presença de fatores negativos que são naturais e inevitáveis em tais relacionamentos (Duck & Perlman, 1985), estando ambos,

aspectos negativos e positivos, entrelaçados (Berndt, 1996).

### *Um panorama dos estudos brasileiros sobre amizade*

Em uma revisão crítica da literatura, Garcia (2005c) analisa uma seleção de artigos sobre aspectos psicológicos da amizade na infância publicados de 1995 a 2003 em revistas científicas de circulação internacional. O resultado desta investigação aponta para a amizade na infância como uma importante forma de socialização, utilizando dimensões como similaridade, cooperação e apoio social, aspecto positivo da amizade, além do aspecto negativo envolvendo dimensões como competição, conflito e agressividade. Noutra oportunidade, Garcia (2005a) observou, em periódicos publicados entre 1998 e 2001, temas mais recorrentes na pesquisa internacional da amizade em crianças, como similaridade, desenvolvimento emocional, família, conflito, agressividade, proteção contra vitimização e apoio social. As amizades infantis são influenciadas pelo tipo de vida familiar da criança, uma vez que estas são afetadas pelas interações que elas estabelecem com a mãe e com os irmãos (Garcia, 2005b).

Antoniazzi, Hutz, Lisboa, Xavier, Eickhoff & Bredemeier (2001) descrevem a amizade como fundamental para a socialização e desenvolvimento de relações afetivas na infância e adolescência, se constituindo em uma relação na qual podem ser divididos medos, esperanças e interesses. Também Lisboa e Koller (2003) destacam o papel da amizade na infância especialmente no que diz respeito à influência desta no desenvolvimento biopsicossocial infantil, com a presença de um amigo representando um fator de diminuição do risco de vitimização. Contudo, as autoras apontam para a possibilidade de um amigo se constituir tanto em fator de proteção quanto em fator de risco para a criança (no caso de comportamento agressivo ou anti-social), uma vez que as relações interpessoais são multifacetadas. Lisboa e Koller indicam a necessidade de análise dos relacionamentos de amizade envolver variáveis como número de amigos, número de melhores amigos, qualidade das relações, características das crianças, além dos contextos nos quais estes se dão.

Na criança pequena (de 1 ano e 9 meses a 6 anos e 6 meses), os estudos brasileiros destacam que o tipo de interação estabelecida nessa faixa etária depende do tipo de vínculo prévio existente entre essas crianças (Daudt, Souza & Sperb, 2007; Piotto & Rubiano, 1999), que não apresentam dificuldades no reconhecimento de relações de amizade (Antoniazzi, Hutz, Lisboa, Xavier, Eickhoff & Bredemeier, 2001).

Contudo, para meninos de rua a construção de relações de amizade se torna mais difícil, embora partilhem mais com os amigos seus sentimentos e preocupações do que as crianças que vivem com suas famílias (Rohde, Ferreira, Zomer, Forster & Zimmermann, 1998). Também em um estudo que investiga amizades infantis, Tortella (2007) destaca temas como amor, alegria, carinho, respeito, ajuda e confiança presentes nas amizades entre crianças. Ainda nesse contexto, a investigação da amizade em crianças aponta para a importância da semelhança e da proximidade entre amigos, uma vez que eles, em geral, têm mesma idade, gênero e freqüentam os mesmos lugares, destacando a sociabilidade como qualidade fundamental desse tipo de relação (Borelli & Garcia, 2006; Garcia, 2006).

Marques (1993) verificou em um estudo com 317 participantes adultos de Porto Alegre uma ampla variação quanto ao tempo de duração do relacionamento de amizade (de 1 mês a 43 anos). Observou também que as relações de amizade são instáveis assim como as relações românticas, ao contrário das relações familiares, estas mais estáveis. A autora acrescenta que homens têm relações menos duradouras na comparação com mulheres.

Em um trabalho realizado no Rio de Janeiro no qual 36 adultos foram entrevistados em dois grupos (grupo mais jovem, de 20 a 30 anos, e grupo mais velho de 45 a 55 anos), Rezende (2002) encontrou que para os mais jovens as amizades acontecem em grupos e com pouca variação de atividades realizadas em conjunto, enquanto para os mais velhos as amizades ocorrem em díades, com atividades mais diversificadas e com o tempo destinado mais ao lazer voltado para a família do que para os amigos. Entretanto, em ambos os grupos, o relacionamento de amizade contempla afeto através de beijos, abraços e afagos. Amizade é descrita por Rezende (2002) como uma relação pessoal, privada, afetiva e voluntária pautada na sociabilidade, afinidade, confiança e abertura para compartilhar questões íntimas e pessoais, valores semelhantes, reciprocidade, apoio mútuo, sinceridade, diálogo e investimento de tempo.

Erbolato (2001) investigou relacionamentos de amizade em faixas etárias distintas, envolvendo 12 participantes adultos jovens, 12 adultos em meia-idade e 12 idosos, todos residentes em Campinas (SP). Este estudo demonstrou haver pontos em comum a todas as idades avaliadas, como a satisfação de necessidades emocionais, troca de recursos e de comunicação, estar presente, semelhanças e facilidade de interação com o mundo, nas características associadas à amizade.

Outro trabalho que refletiu o tema da amizade, realizado por Kipper (2003) em

Santa Cruz do Sul (RS), estudou tais relacionamentos no local de trabalho envolvendo 60 adultos de 20 a 50 anos de idade. As amizades foram então definidas em termos de companheirismo, admiração e orientação, além de bom-humor e apoio para suportar o ritmo de trabalho.

Em um estudo conduzido em Porto Alegre (RS) que investigou diferenças de gênero na percepção da qualidade da amizade, Souza (2006) encontrou que mulheres são boas amigas de homens ao proporcionarem segurança emocional e autovalidação. E mulheres são boas amigas de mulheres ao proverem melhor que homens as funções de ajuda, aliança confiável, autovalidação, companheirismo estimulante, intimidade e segurança emocional, além de proporcionarem mais satisfação com a amizade e sentimentos positivos. Outros estudos nessa direção apontam para amizades entre mulheres como possuindo melhor qualidade do que estes relacionamentos entre homens. Amizades femininas proporcionam maior satisfação e trocas afetivas, enquanto amizades masculinas valorizam mais atividades conjuntas, sendo mais instrumentais e enfatizando o tempo investido na relação (Carbery & Buhrmester, 1998; Jones, 1991; Wright, 1988; Wright & Scanlon, 1991).

Já os indivíduos entrevistados no trabalho de Gomes e Silva Jr. (2007), oriundos de Brasília, destacam o relacionamento de amizade como um espaço privilegiado de escuta atenciosa, acolhimento, troca de experiências, compartilhamento de alegrias, tristezas e o prazer de uma boa conversa. Além da possibilidade de as relações de amizade se configurarem como espaços de experimentações políticas.

Segundo Souza (2004), a velhice se configura como uma etapa sensível para a formação e a manutenção de amizades, já que o contato com os amigos é raro e as habilidades para fazer novos amigos ficam diminuídas nesta fase. Além disso, tais contatos, além de menos freqüentes, se tornam mais breves (Adams, Blieszner & deVries, 2000).

O trabalho de Garcia e Scarabelli (2006) investigou e descreveu as relações de amizade em dois grupos de idosos de Vitória (ES): um grupo vivendo em instituições e outro residindo em ambiente familiar. Ao todo 20 idosos com mais de 60 anos foram entrevistados, encontrando-se que para ambos os grupos as amizades representam uma fonte de bem-estar social e psicológico que contribui para o enfrentamento de situações como solidão, perdas, enfermidades, e momentos de afastamento de parentes. Destacaram ainda aspectos como conversas, afetividade, dedicação e sinceridade. Nesse sentido, Debert (1999) observa que a interação com os amigos na velhice é fundamental

para a felicidade principalmente daqueles que vivem em locais específicos para idosos.

Há uma maior produção científica sobre amizade na infância e adolescência no país (Antoniuzzi et al., 2001; Borelli & Garcia, 2006; Daudt, Souza & Sperb, 2007a, 2007b; Garcia, 2006; Garcia, 2005a, 2005b, 2005c; Lisboa & Koller, 2003; Piotto & Rubiano, 1999; Rohde et al., 1998; Tortella, 2007) do que sobre amizades adultas (Erbolato, 2001; Garcia & Scarabelli, 2006; Gomes e Silva Jr., 2007; Kipper, 2003; Rezende, 2002; Souza, 2006). Assim, a pouca produção científica dedicada à amizade adulta no Brasil e o impacto dos relacionamentos de amizade na vida das pessoas constituem aspectos que justificam o investimento no presente estudo.

O presente estudo foi desenvolvido a partir de uma pesquisa maior na qual os Questionários McGill de Amizade (QMA's) foram validados para utilização no Brasil (Souza & Hutz, 2007a, 2007b). Após o preenchimento destes, o participante foi convidado a responder à seguinte questão: “Existe algum aspecto da amizade que em sua opinião é importante e que não foi mencionado nestes questionários? Por que este aspecto é importante?” Assim, o objetivo do trabalho a ser discutido a seguir foi de analisar as respostas a esta questão, identificando aspectos importantes da amizade não contemplados no modelo de Morton Mendelson na percepção de universitários gaúchos.

## **Método**

### *Participantes*

Integraram a amostra deste estudo uma sub-amostra de 209 estudantes regularmente matriculados em diversos cursos de graduação na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, envolvendo distintas áreas do conhecimento (exatas, biológicas, humanas, etc.). Os participantes tinham entre 18 e 30 anos, com idade média de 21,4 anos, sendo 60% mulheres e 40% homens. Do total, 83% residiam em Porto Alegre (RS) à época da coleta de dados.

## *Instrumentos*

A coleta de dados foi realizada sobre uma questão aberta situada ao final de um conjunto de questionários analisados para outra finalidade (Souza & Hutz, 2007a, 2007b). Estes instrumentos prévios foram: Questionário Sócio-demográfico, Questionário Introdutório de Amizade, Questionário McGill de Funções da Amizade (QFA), Questionário McGill de Apego do Respondente (composto pelas escalas ESPA e ESA), Questionário McGill de Sentimentos Negativos (ESNA), e Questionário Complementar de Amizade (QCA). As nove escalas que compõem os QMA's avaliam seis funções que o participante reconhece em seu amigo (ajuda, aliança confiável, autovalidação, companheirismo estimulante, intimidade e segurança emocional); duas escalas avaliam a satisfação com a amizade (ESA) e os sentimentos positivos (ESPA); e uma escala avalia os sentimentos negativos (ESNA) (desapego, conflito, submissão, ciúmes e preocupação). Os participantes deveriam imaginar o nome do amigo no espaço indicado em cada item e responder de acordo com o quão freqüentemente o amigo correspondia à afirmação da frase, por meio de uma escala *Likert* de cinco pontos (p. ex., “\_\_ me ajuda quando preciso.”).

Após a apresentação dos QMA's, um questionário complementar (QCA) foi respondido pelo participante, cuja parte final constava da seguinte questão aberta: “Existe algum aspecto da amizade que em sua opinião é importante e que não foi mencionado neste questionário? Por que este aspecto é importante?”. O presente trabalho analisa as respostas a esta pergunta.

## *Procedimentos*

Todos os questionários foram aplicados seqüencialmente e respondidos pelos universitários participantes em um período pré-determinado e comum às aulas. O tempo necessário para apresentação dos objetivos da pesquisa, distribuição dos questionários, do termo de consentimento livre e esclarecido, preenchimento e recolhimento destes foi de cerca de 40 minutos. Os questionários deveriam ser respondidos tendo como referência um melhor amigo. Não foram considerados como parte da amostra os participantes que tiveram como referência um familiar, considerando-se a definição clássica de amizade de Bell (1981). Para a presente pesquisa foram selecionados, dos 682 questionários coletados, apenas aqueles em que o participante respondeu à última



questão aberta do QCA, constituindo ao final, 209 questionários selecionados para a análise qualitativa apresentada nesta oportunidade.

### *Análise dos dados*

Na primeira etapa de análise foi feita uma leitura livre para familiarização das respostas e concomitante digitação das mesmas. A segunda etapa constou da identificação, por dois avaliadores independentes, de unidades temáticas nas respostas à questão analisada, que possuíam semelhança em conteúdo com os QMA's e com o QCA. Estas unidades temáticas foram agrupadas em categorias mediante análise de conteúdo, seguindo critérios sugeridos por Bardin (1977). As unidades temáticas cujos conteúdos se aproximaram àqueles abordados nas escalas dos QMA's foram organizadas em categorias de mesmo nome das escalas.

Na terceira etapa foram elaboradas categorias cujo conteúdo não se assemelhava aos QMA's e ao QCA, abordando aspectos não mencionados anteriormente pelos instrumentos. Houve consulta a um terceiro avaliador em casos de discordância no processo de julgamento e busca de consenso na construção das categorias.

A última etapa constou do cálculo das frequências de respostas em todas as categorias elaboradas, e análise dos dados com relação a diferenças de sexo e de faixa etária, como sugerido pelos estudos revisados. Assim, foram realizados testes de qui-quadrado entre todas as categorias resultantes deste estudo na busca de associação a dois grupos conforme sexo (masculino e feminino) e dois grupos etários (de 18 a 23 anos, e de 24 a 30 anos).

## **Resultados**

Foram construídas 26 categorias temáticas representativas das respostas à questão aberta apresentada após o conjunto dos questionários aplicados na primeira etapa da pesquisa iniciada durante os estudos de doutorado da terceira autora. As categorias serão abordadas em três sessões. Na primeira sessão, são apresentadas aquelas correspondentes aos temas abordados nos QMA's. Na segunda, são relatadas categorias de respostas similares às questões tratadas no QCA. Na terceira sessão, são expostas as categorias temáticas que emergiram espontaneamente das respostas dadas à

questão aberta do final do QCA. Exemplos são fornecidos para ilustrar as categorias.

Tabela 1. Frequência de Respostas e Exemplos nas Categorias Associadas aos QMA's e QCA

<i>Categorias QMA's</i>	<i>F</i>	<i>Exemplos</i>
Aliança Confiável	40	Confiança, lealdade, fidelidade, presença
Intimidade	33	Intimidade, sinceridade, honestidade, segredos
Conflito	11	Competição, briga, discussão, não aceitação
Companheirismo Estimulante	7	Parceria, interação, lazer, humor
Segurança Emocional	7	Segurança, apoio
Autovalidação	5	Crescimento mútuo, individualidade, autoconhecimento
Ajuda	4	Empréstimo, colaboração, ajuda mútua
Desapego	3	Sentimentos ambíguos, volatilidade
Submissão	1	Submissão, “contar os problemas sem descarregar”
<i>Categorias QCA</i>	<i>F</i>	<i>Exemplos</i>
Distância Relacional	20	Contato, convívio, encontros pessoais, saudade
Duração da Amizade	10	Tempo total de existência da amizade
Distância Física	8	Cidades diferentes e distantes, distância entre amigos

A Tabela 1 apresenta as frequências de respostas nas categorias elaboradas com base nos QMA's e no QCA, com exemplos de respostas típicas. Foram identificadas nove categorias com temas abordados nos QMA's. As mais referidas foram aliança confiável e intimidade.

Na mesma Tabela 1, foram identificadas três temáticas tratadas no QCA: distância relacional, duração da amizade, e distância física. A *distância relacional* foi a mais mencionada pelos 209 participantes, dos quais 20 referiram este aspecto do relacionamento como algo importante a ser considerado numa amizade.

A Tabela 2 apresenta as categorias empiricamente construídas, isto é, os temas não abordados nos questionários da coleta de dados realizada, mas mencionados pelos estudantes ao final do QCA como uma característica importante da amizade a ser estudada. Foram 14 as categorias elaboradas a partir dos aspectos originais indicados pelos participantes. A Tabela 2 apresenta 11 delas; as três outras foram *ausência de melhor amizade exclusiva, internet e outras respostas*.

Tabela 2. Frequência de Respostas e Exemplos para as Categorias Empiricamente Construídas

<i>Categoria</i>	<i>F</i>	<i>Exemplos</i>
Afinidades	23	“Mesmos interesses, pensamos da mesma forma e queremos atingir os mesmos objetivos”
Respeito e Aceitação	23	“Respeito às particularidades de cada um”, aceitação
Laços Fortes	17	Admiração, amor, carinho
Companheirismo	14	Cumplicidade, “amizade implica companheirismo”
Dedicação	12	Renúncia, dedicação, generosidade, humildade
Origem/Manutenção	12	Motivos ou razões da amizade
Resolução de Conflitos	10	Perdão, superação de conflitos e diferenças
Apoio Emocional	8	Compartilhar momentos, vivências, “estar nas horas boas/ruins”
Compreensão	8	Entendimento, compreender pontos de vista diferentes
Irmandade	6	Amor de irmão, membros da família, “amigo é como um irmão”
Reciprocidade	5	Consideração, “reciprocidade da amizade”

A categoria *ausência de melhor amizade exclusiva* comporta temas como a dificuldade de escolher um único amigo (p. ex., “muitas pessoas não conseguem escolher um melhor amigo”), apresentando uma frequência de 8 respostas. Já a categoria *internet*, com apenas 4 respostas, aborda a relação de amizade via internet (p. ex., “falamos por internet”). A categoria *outras respostas* apresentou subcategorias, ou seja, foi dividida em três tipos: outros temas, sugestões de pesquisa e religião. A subcategoria *outros temas* foi composta por 11 respostas abordando, por exemplo, temas como família, silêncio e sentimentos do amigo. Com uma frequência de 3 respostas, a subcategoria *sugestões de pesquisa* envolveu questões como as demais amizades do amigo e a questão da amizade com os amigos que não são os mais próximos da rede de amizades. Já a subcategoria *religião*, constituída por 2 respostas, apresentou o “amor a Jesus” como um exemplo significativo.

Motivados pela hipótese de Carbery e Buhrmester (1998), a amostra foi dividida em dois grupos etários: grupo 1 (18 a 23 anos) e grupo 2 (24 a 30 anos). Foram realizados testes de qui-quadrado entre todas as categorias resultantes deste estudo (influenciadas pelos QMA’s e QCA, e empiricamente elaboradas), não sendo encontradas associações significativas entre grupo etário e as categorias do estudo.

Num segundo momento, foram efetuados testes de qui-quadrado entre todas as categorias e o sexo dos participantes (masculino e feminino). A análise dos resíduos ajustados estandardizados demonstrou que as mulheres falaram mais de *respeito e aceitação*, e homens quase não mencionaram este aspecto. As demais categorias não apresentam diferenças significativas entre homens e mulheres.

A categoria *respeito e aceitação* ( $p = 0,023$ ) foi majoritariamente construída por mulheres, ou seja, 19 mulheres e 4 homens consideraram esse fatores importantes em um relacionamento de amizade, especialmente *respeito*, mencionado por 17 destas mulheres. Dentre as mulheres que mencionaram *respeito e aceitação*, 17 se encontram na faixa etária entre 18 e 23 anos de idade. Os testes realizados mostram que 37% delas possuem namorado/noivo, 74% têm um irmão homem, 84% moram com outra pessoa, 79% com familiares. Todas elas possuem amigas mulheres, 79% apresentam uma melhor amizade (sendo que para 74% delas a melhor amizade é constituída por uma mulher), 84% têm entre 1 e 5 amigos homens e o número total de amizades próximas varia entre 3 e 10.

O perfil traçado mais sugere perguntas do que esclarece acerca do tema analisado.

## Discussão

Esse trabalho teve como objetivo identificar aspectos importantes da amizade na percepção de universitários gaúchos, mas não contemplados no modelo de Morton Mendelson. Os resultados mostram que as categorias *aliança confiável*, *intimidade*, *respeito/aceitação* e *afinidades* apresentaram uma elevada frequência de respostas demonstrando um panorama da visão de amizade para a amostra avaliada. *Submissão*, *conflito* e *desapego* são categorias que demonstram preocupação com os sentimentos negativos relacionados à amizade.

Foi possível identificar categorias comuns à cultura canadense: *Aliança confiável*, *intimidade*, *companheirismo estimulante*, *segurança emocional*, *autovalidação*, *ajuda*, *desapego*, *submissão* e *conflito*. Dentre estas, as mais citadas pelos participantes foram *aliança confiável* e *intimidade*.

*Aliança confiável* demonstra a relevância de aspectos como poder contar com o amigo, fidelidade, lealdade e estar presente, enquanto *intimidade* revela a preocupação com qualidades da amizade envolvendo proximidade, sinceridade, honestidade, além de se sentir à vontade para se abrir e compartilhar sentimentos e opiniões com o amigo. Estes resultados confirmam aspectos universais da amizade, localizados em diversos estudos (Bukowski, Newcomb & Hartup, 1996). As seis funções da amizade descritas por Mendelson surgiram tanto nos itens do instrumento como nas respostas espontâneas dos participantes, uma vez que estas são recorrentes na literatura em amizade. Mendelson tomou o cuidado de revisar oito instrumentos disponíveis para elaborar os questionários McGill, o que fortaleceu os fatores que o compõe (Mendelson & Aboud, 1999, 2003).

A ordem das frequências de respostas das categorias associadas ao modelo dos QMA's, da maior frequência para a menor (isto é, em ordem decrescente), se aproximou daquela apontada em estudos anteriores (Souza & Hutz 2007a; Souza, 2006). Dentre as seis funções da amizade, *aliança confiável*, *segurança emocional*, *autovalidação* e *ajuda* apresentaram a ordem correspondente, enquanto *intimidade* e *companheirismo estimulante*, que neste estudo apareceram respectivamente com a segunda e a terceira maiores frequências, têm as posições invertidas nos estudos de Souza e Hutz (2007a) e Souza (2006).

Com relação às categorias associadas aos fatores negativos abordados por Mendelson, há nesse trabalho a ausência de categorias relacionadas aos fatores *preocupação* e *ciúme*. Ainda nesse sentido, *submissão* tanto nos estudos anteriores quanto neste trabalho apresentou-se como o fator menos mencionado pelos participantes. Já quanto ao *conflito*, dos cinco fatores negativos estudados por Mendelson, trata-se do mais universal deles. Isso equivale dizer que *conflito* é um evento comum nas amizades próximas, e talvez por isso tenha perseverado nesta última questão da aplicação dos questionários apresentando a maior frequência de respostas dentre os fatores negativos. Além disso, é um aspecto que passa a ser reconhecido pelo indivíduo como algo natural nas amizades a partir da adolescência (Bukowski, Newcomb & Hartup, 1996).

Considerando-se as temáticas abordadas no QCA, *distância relacional* foi a categoria mais mencionada pelos participantes, sugerindo esta característica como importante na concepção de amizade para eles. O tempo de convívio e o contato físico, ou a falta destes, afetam a qualidade desses relacionamentos. Envolver-se em trabalhos

ou estudos que consomem muito tempo, por exemplo, dificulta o desenvolvimento da amizade. Oportunidades e engajamento em atividades típicas de amigos são pré-requisitos para o surgimento deste relacionamento (Fehr, 1996). Nessa direção, Rezende (2002) observou que o contato físico não-sexual, através de abraços e beijos nas bochechas, se apresentou como aspecto significativo em boas amizades segundo a percepção de adultos cariocas.

De outro lado, foram encontrados temas que demonstram particularidades da amostra gaúcha, como *afinidades*, *respeito e aceitação*, *laços fortes*, *companheirismo*, *resolução de conflitos* e *irmandade*. As categorias *afinidades* e *respeito e aceitação* apresentaram as maiores frequências dentre aquelas empiricamente construídas, apontando a importância destes aspectos dos relacionamentos de amizade para os gaúchos, o que corrobora as características de uma boa amizade apontada por Parks e Floyd (1996). As respostas dos participantes na categoria *afinidades* evidenciam aspectos relevantes das amizades apontados não somente pela amostra gaúcha, mas também por autores anteriormente citados como interesses comuns, valores semelhantes e mesmos objetivos (Rezende, 2002; Parks e Floyd, 1996; Cole & Bradac, 1996). Aceitar as diferenças do amigo, opiniões, defeitos e o espaço do outro, respeitando as particularidades de cada um são características fundamentais dos relacionamentos de amizade para os participantes.

*Laços fortes* e *irmandade* são categorias que apontaram para os aspectos emocionais das amizades, envolvendo trocas afetivas (Garcia & Scarabelli, 2006; Mendelson & Aboud, 1999, 2003; Rezende, 2002), amor e envolvimento mútuo (Rawlins, 1992). A categoria *laços fortes* indica a relevância para os participantes de características como admiração, amor e carinho com relação ao amigo. *Irmandade* refere-se ao amigo como alguém que se gostaria de ter como membro da família, uma vez que o amor pelo amigo pode aqui ser equiparado ao amor que se sente por um irmão. Assim, essas categorias dizem respeito aos sentimentos especiais que as pessoas têm em relação aos amigos, ou seja, relacionam-se com os sentimentos positivos e satisfação com o relacionamento de amizade – duas dimensões contempladas nos QMA's.

Embora citado por Fehr (1996), o manejo de conflitos e tensões envolvidos nos relacionamentos de amizade não têm sido frequentemente abordado pela literatura científica. Neste trabalho, a categoria *resolução de conflitos* parece se relacionar com a alta frequência de respostas encontrada, dentre os fatores negativos da amizade, da

categoria *conflito*. A amostra abordou aspectos que buscam superar tais conflitos. Foram exemplos citados pelos participantes: transcender as diferenças, não construir preconceitos, saber superar as divergências não levando adiante desentendimentos e discussões, além de perdoar os erros do amigo.

*Companheirismo* se constituiu em outra característica fundamental dos relacionamentos de amizade para a amostra participante deste trabalho. Embora não contemplado nos QMA's (que prefere *companheirismo* juntamente com divertimento, ou seja, *companheirismo estimulante*), o *companheirismo* é apontado em outras pesquisas como um aspecto fundamental das amizades (Argyle, 2001; Asher, Parker & Walker, 1996; Fehr, 1996; Kipper, 2003), e relatado pelos participantes deste estudo principalmente associado à cumplicidade existente entre os amigos.

A categoria *respeito e aceitação* é formada por respostas dadas principalmente por participantes mulheres, abordando, em sua grande maioria, o respeito. Este aspecto sugere uma possível relação com questionamentos acerca do papel da mulher na sociedade de hoje, buscando maior aceitação, mas sobretudo respeito no exercício deste, uma vez que a modernização possibilitou a inserção das mulheres no mercado de trabalho, gerando inevitáveis transformações em termos de valores culturais. Como vem demonstrando a literatura, mulheres que trabalham apresentam percepções mais favoráveis à igualdade de gênero (Araújo & Scalón, 2006).

A ausência de diferenças significativas entre os grupos etários analisados demonstra que as características da amizade têm importância semelhante para ambos os grupos. Pode indicar, também, não haver diferenças naquilo que caracteriza as faixas etárias que abrangem os dois grupos analisados, já que as crianças estão amadurecendo mais cedo e a adolescência está se estendendo, o que não possibilita distinguir claramente divisões etárias. Um exemplo, nesse sentido, é o fenômeno do “ninho cheio” que vem ocorrendo com grande frequência em nossa sociedade, caracterizado pela permanência do adulto jovem no lar parental, sem emancipar-se financeira e emocionalmente de seus pais (Silveira & Wagner, 2006).

## Considerações finais

Percebe-se neste trabalho a influência dos instrumentos aplicados nas respostas dos participantes, uma vez que aspectos anteriormente mencionados nas escalas apareceram por diversas vezes dentro destas. Apesar de isto ter sido esperado no momento de confecção do questionário complementar, esta limitação salienta a necessidade de atenção às questões dissertativas quando acompanhadas de escalas.

A categoria *outras respostas* sugere temas a serem explorados em pesquisas futuras. Foram mencionados, por exemplo, a relação que as pessoas têm com as outras amigadas de seu melhor amigo, ou a questão da amizade com os amigos que não são os mais próximos. Este estudo procurou fornecer subsídios para a compreensão das particularidades das amigadas no Rio Grande do Sul, sendo assim necessária a elaboração de mais estudos sobre a percepção das relações de amizade em adultos jovens de outros estados brasileiros para que se possa identificar semelhanças e diferenças dentro do país.

## Referências

- Adams, R., Blieszner, R. & deVries, B. (2000). Definitions of friendship in the third age: Age, gender, and study location effects. *Journal of Aging Studies*, 14(1), 117-133.
- Antoniuzzi, A., Hutz, C. S., Lisboa, C., Xavier, C., Eickhoff, F. & Bredemeier, J. (2001). O desenvolvimento do conceito de amigo e de inimigo em crianças e pré-adolescentes. *Psico-USF*, 6(2), 1-10.
- Araújo, C. & Scalón, C. (2006). Gênero e a distância entre a intenção e o gesto. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 21(62), 45-68.
- Argyle, M. (2001). *The psychology of happiness*. New York: Routledge/Taylor & Francis.
- Asher, S., Parker, J. & Walker, D. (1996). Distinguishing friendship from acceptance: Implications for intervention and assessment. In: W. Bukowski, A. Newcomb & W. Hartup, *The company they keep: Friendship in childhood and adolescence*. Cambridge: University Press, p. 366-405.



- Bardin, L. (1977). *Análise de Conteúdo*. (L. Reto & A. Pinheiro, Trans.). Lisboa: Edições 70.
- Bell, R. (1981). *Worlds of friendship*. Beverly Hills: Sage.
- Berndt, T. (1996). Exploring the effects of friendship quality on social development. In: W. Bukowski, A. Newcomb & W. Hartup (Orgs.), *The company they keep: Friendship in childhood and adolescence*. Cambridge: University Press, p. 346-365.
- Berscheid, E. & Regan, P. (2005). *The psychology of interpersonal relationships*. Upper Saddle River: Pearson.
- Borelli, M. & Garcia, A. (2006). Psicologia da amizade na infância: Uma investigação empírica em Vitória, Brasil. In: A. Garcia (Org.), *Relacionamento Interpessoal: Estudos Brasileiros*. Vitória: Núcleo Interdisciplinar para o estudo do Relacionamento Interpessoal, p. 67-81.
- Bukowski, W., Newcomb, A. & Hartup, W. (1996). *The company they keep: Friendship in childhood and adolescence*. Cambridge: University Press.
- Carbery, J. & Buhrmester, D. (1998). Friendship and need fulfillment during three phases of young adulthood. *Journal of Social and Personal Relationships*, 15(3), 393-409.
- Cole, T. & Bradac, J. (1996). A lay theory of relational satisfaction with best friends. *Journal of Social and Personal Relationships*, 13(1), 57-83.
- Daudt, P., Souza, L. K. & Sperb, T. (2007). Amizade e gênero nos conflitos de pré-escolares. *Interpersona: An International Journal on Personal Relationships*, 1(1), 77-95.
- Debert, G. (1999). *A reinvenção da velhice: Socialização e processos de reprivatização do envelhecimento*. São Paulo: EDUSP/FAPESP.
- Duck, S. & Perlman, D. (Orgs.). (1985). *Understanding personal relationships: An interdisciplinary approach*. London: Sage.
- Erbolato, R. (2001). *Contatos sociais: Relações de amizade em três momentos da vida adulta*. Tese de doutorado, Departamento de Pós-Graduação do Instituto de Psicologia e de Fonoaudiologia, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas.
- Fehr, B. (1996). *Friendship processes*. London: Sage.
- Garcia, A. (2005a). A amizade no desenvolvimento da criança. In: S. Queiroz, A. Ortega & S. Enumo, *Desenvolvimento e Aprendizagem Humana: Temas*

- Contemporâneos*. Vitória: Programa de Pós Graduação em Psicologia, p.123-140.
- Garcia, A. (2005b). *Psicologia da amizade na infância: Uma introdução*. Vitória: Programa de Pós Graduação em Psicologia.
- Garcia, A. (2005c). Psicologia da amizade na infância: Uma revisão crítica da literatura recente. *Interação em Psicologia*, 9(2), 285-294.
- Garcia, A. (2006). Friendship in childhood and adolescence: A study in Brazil. In: A. Garcia, *Personal Relationships: International Studies*. Vitória: Núcleo Interdisciplinar para o Estudo do Relacionamento Interpessoal, p.128-141.
- Garcia, A. & Scarabelli, R. (2006). As amigas dos idosos vivendo em ambiente familiar e dos idosos vivendo em instituições: Uma análise comparativa. In: A. Garcia (Org.), *Relacionamento Interpessoal: Estudos Brasileiros*. Vitória: Núcleo Interdisciplinar para o estudo do Relacionamento Interpessoal, p. 105-121.
- Gomes, L. & Silva Jr., N. (2007). Experimentação política da amizade: Alteridade e solidariedade nas classes populares. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 23(2), 149-158.
- Jones, D. (1991). Friendship satisfaction and gender: An examination of sex differences in contributors to friendship satisfaction. *Journal of Social and Personal Relationships*, 8, 167-185.
- Kipper, A. (2003). *Sobre a amizade: Relações de trabalho e bem-estar subjetivo*. Dissertação de mestrado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre.
- Lisboa, C. & Koller, S. (2003). Amizade e vitimização: Fatores de risco e proteção no contexto do grupo de iguais. *Psico (PUCRS)*, 34(1), 71-94.
- Marques, J. (1993). Relações interpessoais e processos de grupo: O conceito de intimidade. *Psico (PUCRS)*, 24(2), 9-22.
- Mendelson, M. & Aboud, F. (1999). Measuring friendship quality in late adolescents and young adults: McGill Friendship Questionnaires. *Canadian Journal of Behavioural Science*, 31(2), 130-132.
- Mendelson, M. & Aboud, F. (2003). *Measuring friendship quality in late adolescents and young adults: McGill Friendship Questionnaires*. Manuscrito não-publicado. McGill University, Montreal, Canada.

- Parks, M. & Floyd, K. (1996). Meanings for closeness and intimacy in friendship. *Journal of Social and Personal Relationships*, 13(1), 85-107.
- Piotto, D. & Rubiano, M. (1999). Amizade entre crianças pequenas: Análise da interação de pares preferenciais na creche. *Psico (PUCRS)*, 30(1), 109-129.
- Rawlins, W. (1992). *Friendship matters: Communication, dialectics, and the life course*. New York: Aldine de Gruyter.
- Rezende, C. (2002). *Os significados da amizade: Duas visões de pessoa e sociedade*. Rio de Janeiro: FGV.
- Rohde, L., Ferreira, M., Zomer, A., Forster, L. & Zimmermann, H. (1998). The impact of living on the streets on latency children's friendships. *Revista de Saúde Pública*, 32(3), 273-280.
- Silveira, P. G. & Wagner, A. (2006). Ninho cheio: a permanência do adulto jovem em sua família de origem. *Estudos em Psicologia (Campinas)*, 23(4), 441-453.
- Souza, L. K. (2004). *Velho amigo, amigo velho: Amizade na velhice*. In: O. P. de Castro, *Envelhecer: Revisitando o corpo*. Sapucaia do Sul, RS: Notadez, p.69-86.
- Souza, L. K. (2006). *Amizade em adultos: Adaptação e validação dos questionários McGill e um estudo de diferenças de gênero*. Tese de doutorado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- Souza, L. K. & Hutz, C. S. (2007a). A qualidade da amizade: Adaptação e validação dos questionários McGill. *Aletheia*, 38, 82-96.
- Souza, L. K. & Hutz, C. S. (2007b). Diferenças de gênero na percepção da qualidade de amizade. *Psico (PUCRS)*, 38(2), 125-132.
- Tortella, J. (2007). Um estudo sobre os sentimentos e os segredos de amizades infantis. In: L. Tognetta, *Virtudes e educação: O desafio da modernidade*. Campinas: Mercado das Letras, p. 95-119.
- Wright, P. (1988). Interpreting research on gender differences in friendship: A case for moderation and a plea for caution. *Journal of Social and Personal Relationships*, 5, 367-373.

Wright, P. & Scanlon, M. (1991). Gender role orientations and friendship: Some attenuation, but gender differences abound. *Sex Roles*, 24(9/10), 551-566.

*Received: June 27<sup>th</sup>, 2008*  
*Revision Received: June 30<sup>th</sup>, 2010*  
*Accepted: November 30<sup>th</sup>, 2010*